

**Eixo Temático:** escrita de si, resistência e empoderamento

**“VIDA QUE PARECE TÃO COISA NENHUMA E É, NO ENTANTO, TÃO DE TODO MUNDO”: PONDERAÇÕES ACERCA DA VIDA-LEGADO DE DALCÍDIO JURANDIR**

Fernando Jorge dos Santos Farias – Universidade de São Paulo – [ffarias@usp.br](mailto:ffarias@usp.br)

A frase que sustenta o título da comunicação pertence à Dalcídio Jurandir (1909-1979), indivíduo natural do interior da Amazônia que devotou parte do seu viver a elaboração de um considerável painel romanesco chamado, por ele próprio, de Ciclo Extremo-Norte. Dado o teor empreendido nesta produção literária, partimos do pressuposto de que o escritor nascido no norte brasileiro buscou traçar um mosaico de si, do ser amazônida e, por extensão, dos seres humanos, em sua maioria subjugados em seus direitos. Nestes termos, tornou-se relevante questionar: Como os elementos vivenciais de Dalcídio foram reunidos por ele e reapareceram em suas produções? Quais elementos de seu legado (particularmente de alguns de seus romances), podem ser observados como demarcação de si, da resistência do povo simples e do empoderamento da gente humilde acentuadamente do norte brasileiro? Demarcada tais indagações, objetivou-se discutir alguns elementos presentes em sua vida/contexto, que ressurgem em suas produções. Como base teórica, buscou-se aproximações às contribuições de Antônio Candido, Benoît Denis, Paulo Freire, Pierre Bourdieu, dentre outros. Em termos metodológicos foi pertinente a proposta sociológico-literária que estabelece como diretriz o modelo tradicional que analisa a produção artístico-literária como espelho da sociedade, e possibilita inferências a partir do autor, de sua obra, de seu público. Dentre as possibilidades conclusivas destaca-se o fato das contribuições do escritor demarcar não somente uma escrita de si enquanto “nós amazônidas”, mas aludir à resistência dos indivíduos simples do solo brasileiro e, principalmente, por meio de seu legado, acionar os seres humanos aos processos de empoderamento/conscientização, capazes de levar o sujeito a transcender a literatura e somar a outras vozes, também silenciadas.

**Palavras-chave:** Amazônia. Resistência. Dalcídio Jurandir.

### **Considerações Iniciais**

O texto busca discutir alguns elementos em torno da vida-legado de Dalcídio Jurandir (1909-1979), escritor nortista que, segundo grande parte da crítica literária, está entre os mais destacáveis romancistas que a Amazônia já ofertou ao campo literário, dada a mescla que empreendeu em seus escritos, quase que em sua plenitude, do refinado instrumental estético que lhe foi acessível e a essência de uma escrita acentuadamente político-social, em que as vozes silenciadas pela “alta literatura” ganham relevo.

Escrever de si, para o romancista em tela, correspondeu a registrar a si próprio e tantos outros que ocupavam uma posição oscilante no campo literário à sua época. Ao empreender isso, ergue-se como ser que resiste e sobrevive às injustiças da vida. Com sua tomada de

decisão individual/coletiva, possibilitou a posteridade, pelo legado que deixou, partilhar (instrumentalizar-se) com suas ações e ideias, em uma tentativa para além do empoderamento, reverberando em conscientização. Como ponto de partida, para nossa discussão, fechemos foco nesta necessidade visceral do escritor nortista: demarcar uma escrita de “si” que possibilitasse o reconhecimento do “nós”.

### **Escrita de “si”, registro do “nós”**

Ao que nos parece, a modalidade analítica mais adequada para debater parte da vida-legado de Dalcídio Jurandir é, de acordo com a esquematização de Candido (1976), aquela que entende a literatura como espelho da sociedade e sinaliza para a descrição/interligação de alguns aspectos vivenciais e ficcionais do escritor. Para tal empreendimento pensamos ser coerente nos orientarmos por um debate que intensifica sua análise nas influências do meio que coadunam na vida e obra do escritor, bem como nos possíveis retornos que este legado (obras), trás ao meio (público).

Ao cultivarmos atenção ao primeiro aspecto, encontramos um contexto e uma vida muita comum a outros brasileiros. Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, o Dalcídio Jurandir, apresentou uma vida simples e vivida, em grande parte, no interior do norte do Brasil. Os registros de Perez (1964) o apresentam como alguém que, entre os intervalos da costura e os retornos do fogão de sua mãe, começa a ter as primeiras letras. Posterior à genitora, o garoto tem ainda uma pequena série de mestres-escolas imbuídos de aproximá-lo a educação escolarizada.

Em 1922, a criança curiosa do Marajó segue para a capital do estado do Pará com Margarida Ramos, sua mãe, que o deixa em casa de parentes. É então matriculado no 3º ano elementar do Grupo Escolar Barão do Rio Branco e, três anos depois, entra no Ginásio Paes de Carvalho. Em meio às dificuldades financeiras e a inibição, Dalcídio recua quanto aos chamados “preparatórios” e, assim, acaba ausentando-se do Ginásio, não concluindo o 2º ano. Sobre este fato, o escritor marajoara relembra e diz: “Era junho de 1926. Tinha capiscado ano e meio de humanidades e assim entrei no mundo, sem nenhuma letra, sem nenhuma aptidão, chocando a juventude pelo subúrbio” (PEREZ, 1964, p.54).

Com formação praticamente autodidata, o jovem se torna adulto, escritor, integrante do partido comunista. Certamente, estes e outros elementos externos (vivenciais), iriam influenciar em sua vida, sua obra, na posição conquistada/exercida no campo literário. Este último, à época do escritor amazônida, corresponde ao mundo intelectual dos anos 30 aos

anos 70. Uma observação atenta, semelhante à de Pantoja (2006), evidenciará quando ressaltado o momento vivido pelo intelectual, sujeitos e instituições marcados pelo negativismo de guerras, declínios econômicos, protestos e regimes governamentais opressores.

E isso repercute em suas produções literárias, como é o caso do legado deixado pelo literato paraense. Emprestando o instrumental analítico de Bourdieu (1996) inferimos que o campo literário a sua época sinalizava para leis específicas em que, os ditos bons escritores, além de serem de esquerda (demarcando assim suas escritas a partir de um viés político), deveriam ter influências no mercado editorial, pertencer a uma hierarquia superior. O posicionamento político ideológico foi possível; as influências, provavelmente, consistiram em um das fragilidades do índio sutil<sup>1</sup>.

Ainda sobre o campo literário dos anos 30 a 70, é possível dizer que este campo, em caráter nacional, apresentou considerável autonomia em relação a uma dita literatura universal. Um microcampo, entendido como “literatura regional” necessitou bastante dos ditames empreendidos pelos literatos nacionais. Dalcídio fazia parte desse terceiro grupo, com inspirações latentes ao segundo. A composição do campo, bem como a posição do escritor, repercutiram na escrita de si, empreendida pelo escritor paraense.

Frente a esta questão, três pontos merecem ênfase. O primeiro corresponde ao entendimento de que, na oposição entre literatura universal x literatura brasileira, o literato nortista é apagado, sendo representado o grupo brasileiro pelos escritores naturais, em sua maioria, das regiões do centro-sul. A segunda relação demarca a inversão parcial entre literatos nacionais x literatos paraenses. Estes últimos, muito mais enfraquecidos, não detinham mercado editorial, por exemplo, (e aqui se inclui elaboração, produção, divulgação). Daí serem caracterizados, quase sempre, como “literatos menores, regionais”.

Como terceira e possível relação temos a contraposição momentânea entre literatos paraenses maiores x literatos paraenses menores. Os derradeiros, em condições ínfimas (no que tange ao caráter editorial e técnico); aqueles, visualizados como melhores por apresentar um refinamento advindo, em grande parte, do contato com os escritores e produções dos dois primeiros campos (universal e nacional).

Esta posição e acúmulos/créditos, em certa medida, legitimará o valor oscilante do escritor do norte. Assim, a estruturação do campo literário paraense passou a ser organizado

---

<sup>1</sup> “Índio sutil” foi um cognome do romancista, dado por seu camarada, Jorge Amado, em discurso proferido na Academia Brasileira de Letras na entrega do Prêmio Machado de Assis, em 1972.

em torno de um escritor que não teve um acúmulo de capital científico, mas, em equivalência, juntou vasto conhecimento vivencial (capital simbólico), o que lhe valeu reconhecimento e prestígio entre seus pares nacionais e locais<sup>2</sup>. Com estes reconhecimentos, passou a ser alguém legitimado a escrever de si.

Escrever de si, para o filho ilustre da Amazônia, ressoa na representação de sua vida pessoal e de tantos outros amazônidas, brasileiros. Os condicionamentos externos do escritor passam para o interior de sua produção. Se consultarmos, por exemplo, o pertinente estudo de Nunes (2007) compreenderemos com o pesquisador que, particularmente a cidade de Belém, no início do século passado, tem sua situação econômica decadente, metaforizada na figura da estéril Emilinha, personagem filha da derruída família Alcantara, caracterizada a moça, no enredo, como “útero de areia”.

Tomemos agora, a título de outro exemplo, o tema educação. Focando neste item entenderemos que a educação na Amazônia, particularmente nas primeiras décadas do século XX, não possibilitou uma educação de qualidade para seus moradores. Isso pode ser exemplificado por parte do relatório do diretor Raymundo Monteiro do primeiro Grupo Escolar da Capital, enviado ao governador do Estado o Exm<sup>o</sup>. Snr<sup>o</sup> Lauro Sodré. A certa altura do documento, o diretor verbaliza que o prédio em que se localiza a escola está distante da mais rudimentar higiene, somando-se a precária condição dos materiais escolares “necessitando de completa reforma ou substituição, pois os mappas e espheias, existentes em algumas aulas, se acham inutilizados, sendo feito, assim mesmo o ensino de Geographia” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ, RELATÓRIOS, 1918).

Essa condição escolar representada no ciclo dalcidiano<sup>3</sup>, como observou parcialmente Farias (2009), está fortemente demarcada na figura de Alfredo e seu contexto escolar inicial decadente, a exemplo os estudos com a professora vinda de Portugal e professor Valério, ambos, a título de representação, praticamente idênticos ao relatado pelo diretor Raymundo Monteiro.

Ampliando o escopo poderíamos dizer que os elementos internos e externos, na produção dalcidiana, se fundem, possibilitando a afirmação de que a escrita de si, tentativa literária do escritor, ganhou certa adequação. Os nomes dos romances (“Três casas e um rio”,

---

<sup>2</sup>Além do já mencionado prêmio, concedido pela Academia Brasileira de Letras, em 1972, Dalcídio logrou, em vida, láureas com as obras “Chove nos campos de Cachoeira” (Prêmio Dom Casmurro /Editora Vecchi, 1940) e “Belém do Grão-Pará” (Prêmio Paula Brito, da Biblioteca do Estado da Guanabara e Luíza Claudio de Souza, do Pen Club do Brasil, 1960).

<sup>3</sup> Ainda oportuno é bom esclarecer. O ciclo dalcidiano, também chamado de Extremo-Norte corresponde a dez romances que tratam, em grande parte, da Amazônia paraense do século XX.

por exemplo, tipificando a vaguidão, o abandono de determinados locais, sujeitos sociais); as densidades das narrativas (descritivas, psicológicas) e a quantidade de páginas dos romances (cerca de 3.000 laudas), robustos, em muitos casos, lentos e agudos feito certas músicas tocadas em órgão, como afirmara Jorge Amado ao se referir à obra “Três casas e um rio”<sup>4</sup>.

Orientando, agora, nossas ponderações para a perspectiva que trata da influência de sua produção no meio, pontuamos que, por muito tempo (se contarmos que sua última publicação romanesca, “Ribanceira”, registra os anos de 1978), seus escritos repousam em certo esquecimento no meio acadêmico e social, representados, escassamente, pelo trabalho pioneiro e quase solitário de Alves (1983) e suas incursões psicanalíticas em torno da terceira obra do Ciclo Extremo-Norte. O meio, acentuadamente o recinto acadêmico, somente a partir dos anos 90, sente repercussões da obra dalcidiana, como observou, dentre outros pesquisadores, Assmar (2003) e Presley (2004). Ganham força, na virada de século, análises acadêmicas e adaptações<sup>5</sup> relacionadas à produção do escritor nortista.

Em parte, temos resolvido à observação de Cândido (1976) quando ventila a ideia de que uma obra sem público consiste em atividade inacabada. Vale dizer que não é tão nítida, na produção de Jurandir, a separação autor-obra-público, justificado tal impressão pelo forte traço (auto) biográfico empreendido. Isso ecoa como reconhecimento de uma escrita de si, de nós.

Antes dos anos 90 o público de Dalcídio correspondia a um grupo seletivo, composto quase que unicamente por acadêmicos. De grupo restrito, sua obra, no final do século XX, sinaliza para uma pluralidade de ações que contribuíram para a ampliação desta confraria. O público leitor, como infere Cândido (1976, p.36), aumenta e diminui, fortalece-se e fragmenta-se, tudo isso motivado quase sempre pelo interesse estético, e as “injunções diretas do meio em que vivemos”. De qualquer forma Dalcídio não compunha, em posição confortável, o grupo dos intelectuais de alto valor em sua época. Provavelmente, o fato de ser nortista (fora do celeiro responsável pelos ditames literários), de trazer como temas todo um grupo de marginalizados, (o qual fazia parte), contribuiu para esse pouco apreço e público inconstante.

---

<sup>4</sup> Tal afirmação pode ser consultada em <http://dalcidiojurandir.com.br/home/portfolio/tres-casas-e-um-rio/>.

<sup>5</sup> Na verdade, as adaptações, não foram mencionadas pelos pesquisadores mencionados. Entretanto, ficam subtendidas. Neste celeiro cênico merece destaque já na segunda década do século XXI, o trabalho de Carlos Correia Santos com o monólogo “Solo de Marajó”, bem como a leitura dramática de “Passagem dos Inocentes”, realizada por Willi Bolle junto aos alunos e professores da periferia de Belém-Pará.

Em suma, as palavras de Cândido (1976, p.38) repercutem como valorosas e sinalizadoras para a chave de respostas a estas suposições: “os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fato de ligação entre o autor e a sua própria obra”. Posto em relevo algumas compreensões em torno da escrita de si (dalcidiana), passemos a seguir a discutir possíveis compreensões em torno do conceito de resistência, visualizado no autor nortista, em suas obras e em seu público.

### **Resistência, escrita de prazer e amarga ilusão literária**

Quando tratamos da resistência (do autor, de sua obra, de seu público), pensamos ser interessante reaproximar tal discussão a dois pontos basilares: a autonomia do campo literário e o surgimento do intelectual. O primeiro item exemplarmente examinado por Bourdieu (1996; 2004), em que os agentes (escritores), passam a se submeter quase que exclusivamente a jurisdição de seus pares, possibilitou-os que efetuassem certa dobre da sociedade e estabelecessem valores simbólicos para a inserção, produção e permanência no grupo.

Se pegarmos essa ideia e lançarmos à reflexão, observaremos que, no caso de Dalcídio Jurandir, sua inserção ao campo relativamente autônomo (e por extensão) sua inserção junto aos intelectuais de melhor posição no campo, resistentes por meio da literatura, se dá, com maior vigor, a partir do prêmio conquistado em 1940. Antes o nortista era um dentre outros escritores. A partir do concurso, o homem das letras paraense, pela forma e conteúdo de suas obras (já que no mesmo concurso obtivera também o terceiro lugar com a obra “Marajó”), consegue uma posição melhor junto ao campo intelectual brasileiro. Os vínculos com Jorge Amado, um dos camaradas mais bem localizados no campo, estreita-se. Temos então, ainda que de forma embrionária, o (re) nascimento de um autor, resistente em seu ofício, agora, filiado a um grupo de resistentes mais consolidados.

Desta feita, surge com esta primeira suposição, a possibilidade para tratarmos do segundo aspecto: o aparecimento do intelectual. As formulações de Denis (2002) trazem em suas franjas discursivas a ideia precisa de que, com a invenção do intelectual, visualizamos um determinado ser colocando sua competência e prestígio a serviço do debate social e político, com efeito, a uma lógica de intervenção, em subserviência tanto ao campo quanto aquilo que almeja enquanto representante de determinado grupo social.

Após o reconhecimento com prêmio, o literato nortista passa a integrar uma posição de galardoamento junto aos pares, ter reconhecida sua dicção de intelectual, e, assim, verbalizar muito daquilo que movia-o desde a juventude, a citar a resistência/expropriação do povo simples da Amazônia. Parte de sua produção, anos depois, é recebida principalmente pelo campo acadêmico/intelectual como genuínos tratados etnográficos e sociológicos da Amazônia paraense<sup>6</sup>.

Provavelmente, este escritor paraense observou antes mesmo de seu reconhecimento no campo literário, que seu conteúdo e forma deveriam se equilibrar entre os atributos que caracterizam o campo e suas reivindicações pessoais, que, em certa medida, lhe conferiram aceitação no grupo. Esse bom senso, emprestando o argumento que Freitas (1986) devotou a Martraux, situa o escritor paraense como alguém que de uma forma ou de outra sempre esteve ligado a História de seu século, não desconhecendo os problemas e dificuldades de seu tempo.

Se assim pensarmos inferiremos que Dalcídio, atingido por estas possíveis vicissitudes, soma à ideia de uma nova/outra articulação entre o literário e o social, capaz de recuperar, como pontuou Freitas (1986, p.5), o “sentido da vida coletiva no homem, obliterado por um século de individualismo incontido”. Nesta esteira possibilitada pelo eu a serviço de uma causa que ultrapassa até mesmo a literatura, começa-se a germinar a noção de engajamento enquanto mecanismo de resistência.

Evocado este outro perfil (literato engajado), uma coisa logo de imediato se destaca: o acento que se coloca sobre a figura do escritor como sinalizador de uma literatura engajada ou não. Ao que parece, Dalcídio aproxima-se desta definição uma vez que faz de sua produção uma arma política de resistência e valorização de um segmento social<sup>7</sup>. Nestes termos poderíamos dizer que repousa sobre Dalcídio a definição de Camus (apud DENIS, 2002, p.45) sobre a validade do engajamento: “um duplo jogo de uma obra e de uma vida”, ou resgatando a definição modelar de Beauvoir (apud DENIS, 2002, p.45), pontuaríamos nos registros deste ser, uma “presença total de escritor na escritura”.

A vida e escrita dos romances, por exemplo, do escritor paraense, correspondem a estas definições. Daí, enfaticamente entendermos sua produção como demarcação de

---

<sup>6</sup> Essa ideia ganha respaldo quando conferimos, dentre outros estudos, os trabalhos de Salles (1978) e Maués (2007) além das declarações de Nelson Werneck Sodré, Sérgio Milliet, Luís da Câmara Cascudo, acerca da produção literária do escritor marajoara (Cf.: <http://dalcidiojurandir.com.br/home/portfolio/marajo/>).

<sup>7</sup> Tal ideia pode ser literalmente entendida nas palavras de Dalcídio, presentes na célebre entrevista publicada em 1976 com o título “Um escritor no purgatório”, concedida a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão. Neste diálogo, o escritor demarca sua obra como ação de resistência, com o valor de depoimento, memória, denúncia, antecipação, um romance político (TORRES; MARANHÃO; GALVÃO, 1976).

resistência. O posicionamento de um escritor, a partir desta perspectiva, nos faz entender, semelhantemente a Denis (2002, p.46), que o escritor “coloca o conjunto dos valores que nos quais acredita e pelos quais ele se define. [...] arrisca a si mesmo integralmente na escritura, fazendo aparecer aí sua visão do mundo e as escolhas que dirigem a sua ação”. É o que Dalcídio faz.

Todo este debate em volta do escritor/autor é justificado ainda, pela compreensão de que a resistência é uma forma de engajamento, implicando, nas palavras de Denis (2002, p.12-3), “numa reflexão do escritor sobre as relações que trava a literatura com a política (e como a sociedade em geral) e sobre os meios específicos dos quais ele dispõe para escrever o político na sua obra”. Pela necessidade, ventilemos agora, com maior vigor, o debate relacionado à obra de Dalcídio.

Ao sobressairmos sua obra e tentarmos atrelá-la a resistência, logo de partida entendemos que uma obra literária categorizada neste campo, trás consigo estreita relação como político e os debates gerados em seu entorno. Intencional ou não, fica claro, a partir do indicativo proposto por Denis (2002, p.10) que a obra do escritor paraense, consiste em produção engajada uma vez que não recusa a determinação do alcance da obra, a empregabilidade de resultados ideológicos e intelectuais, bem como sua “importância para a sociedade presente”, todos estes requisitos também utilizados pelas produções assumidamente engajadas.

Somemos a estas atribuições, assegurados no adendo proposto por Denis (2002, p.10), o fato de toda obra literária (mesmo correndo o risco de diluir o conceito), ser em algum grau engajada, no sentido de que ela “propõe certa visão de mundo e que ela dá forma e sentido ao real”. No caso de Dalcídio, o ciclo Extremo-Norte possibilita tal compreensão. No entanto, a título de exemplo, destaquemos a “Linha do Parque”, escrita entre 1951 e 1955 e publicado somente em 1959.

Esta narrativa brasileira é considerada a época por grande parte da crítica literária, como o único romance proletariado brasileiro<sup>8</sup>. A obra, aparentemente organizada/escrita sob as orientações do romance engajado, busca retratar o cotidiano social, político e econômico

---

<sup>8</sup> Os julgamentos de Antonio Olinto, José Guimarães Menegale e Homero Homem retratam essa ideia. Este último literato, enfaticamente expressou que Linha do Parque é o “único romance proletário, digno desse nome, aparecido neste país de engajamentos lítero-discursivos”.cf.: <http://dalcidiojurandir.com.br/home/portfolio/linha-do-parque/>.

dos operários anarquistas da cidade gaúcha do Rio Grande do Sul, apresentado o romance como registro, veiculação e arma de combate na proposta revolucionária socialista, na metade do século passado. Esta necessidade literária ganhou, acentuadamente, como analisa Freitas (1986), o teor de contraposição, passando a ser vista como “Literatura de Conflito”, “Literatura combativa” frente aos problemas e pessimismos humanos. A história passa a integrar as matérias dos romances e, acima de tudo, a escolha e tratamentos dos temas fazem do escritor um ser diferente a seu tempo.

É bem possível que no campo literário, particularmente as produções dos romancistas da esquerda brasileira (precisamente aqueles que começam a veicular suas obras entre os anos 60, 70, 80 do século XX), residia à necessidade de testemunhar e fixar momentos da História, fazer do romance não uma distração social, mas força motriz para a ação. A obra romanesca em suas elaborações passava a ser trabalhada como uma produção do homem, voltada para o mundo que o solicitava pela História.

Cautelosamente, o romance produzido a partir deste direcionamento passa a atribuir, aos acontecimentos históricos, em sua maioria colhidos no tempo vigente, valores estéticos que o estabilizam em terreno literário. Emprestando as ponderações de Sevcenko (1983) é possível dizer que este enlace entre história e literatura repercute em simultaneidade entre o valor artístico e os preceitos documentais, históricos.

Tanto o Ciclo Extremo-Norte como a obra Linha do Parque asseguram que a produção de Jurandir transita, em sua maioria, entre o registro, análise, crítica e os “possíveis inviáveis” como afirma Sevcenko (1983, p.21). Trata-se de uma necessidade de reelaboração. E esta mesma reelaboração surge com “desejos inexecutáveis, projetos impraticáveis; todos, porém produtos de situações concretas de carência e privação, e que encontram aí o seu âmbito social de correspondência”.

Recorrendo a um exemplo novamente, salientemos a educação retratada no Ciclo Extremo-Norte (o momento em que o personagem Alfredo, personagem principal, ainda está em Cachoeira, ansioso para estudar na capital). Natural de família simples, saúde debilitada e com condições financeiras irrisórias, o garoto estuda com seu Proença, a professora vinda de Portugal e o Professor Valério. Todos distantes da educação que o menino almejava obter.

Contraditoriamente, sob o recurso da ironia, Farias (2009) especula que a imaginação do personagem, capaz de fazê-lo estudante da escola Anglo-Brasileiro, consiste justamente

neste atributo de reelaboração que não se distancia do real, dado a impossibilidade, no início do século, de crianças oriundas das classes pobres estudarem no *Anglo-Brasilian School*<sup>9</sup>.

Decididamente, se pegarmos a produção do escritor paraense, entenderemos que a literatura não corresponde à elaboração neutra e indiferente a política. Acima de tudo, o engajamento em uma obra repercute na observação do alcance intelectual, social e político, de uma produção. Uma obra a serviço de seu povo, de seu campo, de sua ideologia.

A historicidade, a particularidade/coletividade e a expressividade foram diretrizes histórico-estéticas na escrita de resistência de Dalcídio Jurandir. Observado isto, também se acentua que o público à época do lançamento das obras, talvez, não deu o retorno equivalente ao que o escritor esperava e as obras mereciam. Em contrapartida, o público contemporâneo, ganha com a visualização/retomada do passado numa investida de (re) conhecimento ante os temas, personagens, enredos, conflitos, toda uma cultura materializada, universalizada.

Aliás, os leitores de Dalcídio ao terem contato com sua história e suas obras, são, minimamente sensibilizados ao empoderamento, a conscientização. Tratemos destes aspectos na seção seguinte, nosso último ponto de discussão.

### **Do empoderamento à conscientização**

Por fim, destaquemos algumas considerações provenientes da noção de empoderamento espelhada na vida-legado do escritor amazônida. Coerentemente, em concordâncias com os temas já debatidos, pensamos ser necessário recortar nossa análise a partir da tríade autor, obra, público, e efetuarmos aproximação, principalmente as ideias de Freire (1979; 1981) e Freire e Shor (1986), bem como justapormos nosso intento as reflexões de Roso e Romanini (2014), sabendo que estes pesquisadores buscaram mapear a noção de empoderamento nos escritos freireanos, e concluíram que *Empowerment* consiste, em uma compreensão contundente, apenas no passo primeiro de uma proposta maior de transformação social, caracterizada como conscientização.

---

<sup>9</sup> Um demarcador dessa instituição acessível a Alfredo, somente em sua imaginação, consiste em seu estatuto. Em um dos trechos deste documento, assim é formalmente estipulado: “Sendo *mens sana in corpore sano* a legenda do collegio, todos os esforços da sua directoria miram á perfeita harmonização da educação pysical, intellectual e moral, pois a primeira necessidade da creança é a robustez do corpo, da qual resulta o seu contentamento geral e a sua predisposição para a cultura intellectual e moral (GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO, 1910, p. 2355).

No que tange a vida do romancista da Amazônia, inicialmente, demarcamos o viver de Jurandir atrelado ao conceito matriz de empoderamento como acréscimo do eu, avolumamento de si. Tendo num primeiro momento esta compreensão de empoderamento, pontuamos que coube ao escritor nortista certa emancipação e progresso pessoal. O escritor simples da província nortista, desde a juventude, sempre lutou para empoderar-se. E isso fica notório a partir do momento em que busca fortalecer, por exemplo, suas convicções político-ideológicas junto aos preceitos comunistas. Em suas palavras colhidas por Torres, Maranhão e Galvão (1976, p.4), ele próprio demarca: “a visão que eu tive como romancista era a visão de que a realidade social é feita de lutas. De forma que eu tomei uma posição política”.

Os prêmios e o reconhecimento relativo que consegue em sua carreira de romancista o empoderam também, no sentido que lhe proporcionam certo reconhecimento e liberdade no campo literário a partir dos anos 40. Assim, o amazônida consegue, a partir dos galardões e recompensas parciais no campo, pontuar valores a sua produção junto aos literatos, ao grupo corporativo que condicionava as “regras da arte”, à sua época.

De qualquer forma, neste sentido, empoderamento implica conquista da liberdade (ainda que condicionada a sentença favorável do campo), avanço e superação do estado de subordinação (dependência econômica, intelectual, por exemplo), por parte daquele que se empodera, possuindo, a partir desta outra posição, a condição de sujeito ativo do processo, não mais uma simples receptor de doações ou transferências por benevolência de seus confrades. Quando observamos o empoderamento sob este prisma, realçamos a pessoa, a unidade, a necessidade pessoal de empreender mudanças e ações que possibilitem a evolução e fortalecimento de si.

Observando a perspectiva política de Jurandir de tornar tudo comum a todos (comunismo), essa definição de empoderamento, até certo ponto tenderia a ser superada, ou seja, o empoderamento para o escritor marajoara só teria algum valor se resplandecesse em tantos outros iguais e/ou menores que ele, dentro do campo literário, no seio social. A “geração do peixe frito”<sup>10</sup>, como observa Coelho (2005), surge justamente numa tentativa de, mesmo a duras penas, aglutinar-se e, pelo fortalecimento coletivo, buscar certo

---

<sup>10</sup> As informações de Coelho (2005, p.49) nos levam a entender que a “geração do peixe frito” consistia em um grupo de “rapazes paupérrimos que faziam heroicamente literatura lutando com todas as dificuldades econômicas possíveis’ [...]. Rapazes como Dalcídio Jurandir, empregado público que se mudou para o interior do Estado, a fim de ganhar mais e, assim, pagar a prestação da máquina de escrever e que ‘cavou’ dinheiro entre os amigos para pode enviar pelos correios o romance *Chove nos campos de Cachoeira* ao concurso Dom Casmurro, no Rio de Janeiro”.

reconhecimento, junto aos seus pares e, principalmente ao seu povo, esquecidos no norte do Brasil.

Em um primeiro momento é necessário, por menor que seja, o sentimento/realização de mudança individual (manifestação quase que pioneira do empoderamento). Com efeito, para a permanência/validade desta ação, é fundamental assumir o intercâmbio com o meio, caracterizada como contribuição, retorno, troca com o contexto, com os outros sujeitos.

É desta forma que Freire e Shor (1986) entendem empoderamento em sua plenitude, ou seja, nunca se realiza de forma individual. Se acontece de forma particular, se restringe a noções menores como a de autoestima de determinados grupos sociais, quase sempre se referindo as dimensões individual e psicológica dos sujeitos/agentes sociais. Visivelmente, é a partir da lógica orgânica/coletiva que Dalcídio passa (e mobiliza sua obra) do empoderamento à conscientização. Observemos esta alusão em torno de parte do legado do escritor do norte.

Se assim observamos as faturas do texto dalcidiano, entenderemos, semelhante à pesquisadora Amador de Deus (2001), que a produção literária de Jurandir denuncia expropriações, extirpações de direitos civis dos negros e, por extensão, do ser humano (com destaque para as mulheres negras dos romances “Marajó” e “Três Casas e um rio”).

Assim, a conscientização exige uma ampliação/mobilização que transcenda o individual, o grupo. Refletir sobre sua classe subalternizada por meio da elaboração romanesca, não teria valor se não chegasse a outras classes, a outras culturas, a outros momentos históricos. Adequadamente, o registro de algumas questões pertinentes aos diferentes povos, ganha possibilidade de constância em busca da conscientização, entendida como representações de mundo, cosmovisões (FREIRE e SHOR, 1986).

Essa possibilidade de articulação entre questões pessoais, locais e universais (capazes de gerar meditações, indignações, regozijos), em diferentes ambientes, tempos e épocas, levou Maligo (1992, p.49) a reconhecer que as “Ruínas idílicas” de Dalcídio, dada a complexidade e profundidade que tratam questões do ser humano, como uma “nova conscientização sobre causas históricas e psicológicas”.

A obra literária, como é o caso do romance, buscar comunica-se (dialogar) com seus leitores de forma reflexiva em que há mudanças no autor, uma vez que analisa a recepção de sua obra, bem como nos leitores, dada à interpretação que fazem da mensagem contida no escrito. Eis um dos pontos cruciais para a observação de empoderamento - conscientização no registro romanesco de Jurandir. Partindo da premissa de Freire e Shor (1986, p.64) de que é pelo diálogo que os seres humanos se tornam criticamente comunicativos, na medida em que

“se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem”, é possível dizer que o escritor nortista e seus romances almejavam tal iniciativa, e obtiveram, em progressiva escala, êxito nesta questão.

Os romances do escritor paraense, a serviço da conscientização, se tornaram elementos adicionais à veiculação de um debate maior: comunicar, dialogar, refletir sobre as questões das classes subalternizadas, numa necessidade de juntos [autor, leitores, obras], emprestando a assertiva freireana, reflitam sobre o que sabem e não sabem, e assim atuem criticamente para a transformação da realidade. Empoderamento é, nestes termos, um ato social.

Talvez, poderíamos dizer que Dalcídio pensasse assim também. Nem individualista nem comunitário. A noção de liberdade para o marajoara comunista era de que todos, independente de sua localização geográfica, deveriam usufruir dos bens sociais: boas escolas, moradias dignas, possibilidades equidistantes. Suas obras estimulam a reflexão voltada ao coletivo social, às classes, aos seres humanos.

Saímos, após as leituras das obras do ciclo extremo-norte, por exemplo, com a sensação de termos mudado e, tendo a possibilidade, efetuamos a transformação social quando utilizamos as ideias ventiladas nas obras, no exercício de ação-reflexão-ação, um “empoderamento do nós”. A educação, aos olhos de Freire e Shor (1986), é uma frente de luta em que as classes subalternizadas buscam sua liberdade, tomam consciência de si, do mundo e dos outros homens.

A literatura de Dalcídio, ele próprio e seus leitores passam a interligar-se, tomando consciência enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação. De forma conjunta não há a necessidade, como lucidamente sinalizou Freire (1979), de ninguém conscientizar ninguém, tampouco ninguém conscientizar-se a si mesmo, mas exercitarem a conscientização em comunhão.

A conscientização, se observada assim, como fisionomia ampliada do empoderamento, não consiste no início do engajamento, mas um produto dele. É necessário ir além do desvelamento e empreender a transformação social em termos práticos como parte dialética desse desvelamento. Neste sentido, na compreensão de Freire (1981, p.69), é um “processo tão permanente quanto à revolução”.

Em síntese, tendo o fechamento da discussão se aproximado, anunciamos que ao lermos os romances de Dalcídio, em muitos momentos, nos identificamos com negros, mulheres, interioranos e muitos outros oprimidos. Por conseguinte, passamos a nos apropriar criticamente, junto aos demais marginalizados, de nossa posição no mundo. E é a partir dessa

tomada de decisão que nos impulsionamos a transformação, a necessidade deliberada de nos humanizarmos.

### **Considerações Finais**

Como contribuição última, gostaríamos de manter destacada a questão da humanidade. Sabemos que nossa investida, como as realizações humanas, é passível de dúvidas, desconfianças, fragilidades. De qualquer forma, tentamos operar uma reflexão capaz de agigantar as possibilidades acerca da escrita de si dalcidiana, do caractere resistência muito “vivo” em sua vida, em sua obra, bem como buscamos especular que, autor e obra, a partir da ligação feita com o público, tinham/tem um projeto para além do empoderamento, caracterizado como conscientização.

Dalcídio Jurandir, escritor brasileiro, imortaliza-se em seu registro vivencial ou ficcional. E este acúmulo foi capaz de nos ocupar por uma considerável quantidade de tempo, nos arremessando a certeza de que muito ainda temos que aprender com sua vida, com seu legado. Nós, leitores gerais, pela empatia (ora extremamente dogmática), pelo confronto, ou, simplesmente acionados pela curiosidade, nos sentimos agentes/sujeitos responsáveis por junto a outros iguais, minimamente, contribuirmos na escrituração de outro registro da história, como fez, Dalcídio Jurandir.

### **Referências**

ALVES, Enilda Tereza Newman. *Marinatambalo: Construindo o Mundo Amazônico com Apenas Três Casas e um Rio – uma análise de um romance de Dalcídio Jurandir*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, PUC, 1984.

AMADOR DE DEUS, Zélia . *Dalcídio Jurandir: regionalismo, relações raciais e de poder, em Marajó e Três Casas e um Rio*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras/UFMG. Minas Gerais, 2001.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARÁ. Relatórios (1918). Relatório apresentado ao Exmº Director Geral do Ensino Primário do Estado pelo Diretor Raymundo Monteiro do primeiro Grupo Escolar da Capital relativo ao 1º semestre do anno de 1918. Belém, 1º de Julho de 1918.

ASSMAR, Olinda Batista. *Dalcídio Jurandir: Um olhar sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte - Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora Presença, 1996.

\_\_\_\_\_. *Os Usos Sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Texto revisado pelo autor com a colaboração de Patrick Champagne e Etienne Landais; Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Nacional, 1976.

COELHO, Maricilde Oliveira. *O Grupo dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA; UNAMAZ, 2005.

DENIS, Benoît. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. *Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Pará. Belém/PA, 2009.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortes e Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ação Cultural para a Liberdade*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – O cotidiano do Professor*. Tradução de Adriana Lopes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História: o romance revolucionário de André Martraux*. São Paulo: Atual, 1986.

GYMNASIO ANGLO-BRASILEIRO «The Anglo-Brazilian School». Estatutos – Succursal Fluminense. In: *DIARIO OFFICIAL* – Estados Unidos do Brasil. Sociedades Civis. República Federal, abril de 1910. p. 2355-2358.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1941.

\_\_\_\_\_. *Marajó*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

\_\_\_\_\_. *Três Casas e um Rio*. São Paulo: Martins, 1958.

\_\_\_\_\_. *Belém do Grão Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

\_\_\_\_\_. *Primeira Manhã*. São Paulo: Martins, 1967.

\_\_\_\_\_. *Ribanceira*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

\_\_\_\_\_. *Linha do Parque*. Rio de Janeiro: Vitória, 1959.

MALIGO, Pedro. Ruínas Idílicas: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. *Revista USP*. São Paulo: USP, n.13, p.48-57, mar./abr./mai., 1992.

MAUÉS, Raymundo Herald. Religião e medicina popular na Amazônia: a etnografia de um romance. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 11, volume 18(2): 153-182 (2007).

NUNES, Paulo Jorge Martins. *Útero de areia, um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir*. Tese de Doutorado. PUC, Belo Horizonte, 2007.

PANTOJA, Edilson. *Morte, Desamparo, Nihilismo e Liberdade: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2006.

PEREZ, Renard. Dalcídio Jurandir. In: *Escritores Brasileiros Contemporâneos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

PRESSLER, Gunter. A Nova Recepção da Obra de Dalcídio Jurandir. In: *Asas da Palavra*. Belém: UNAMA, v.8, n. 17, jun, 2004.

ROSO, Adriane; ROMANINI, Moises. Empoderamento individual, emproderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 83-95, 2014.

SALLES, Vicente. Chão de Dalcídio. In: JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília, INL, 1978.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. *Um escritor no Purgatório*. In: Revista "Escrita". Entrevista com Dalcídio Jurandir por Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão. São Paulo, 1976, p. 3-5. (Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, RJ: acervo "revistas").